

ISSN 15169111

PAPERS DO NAEA Nº 311

**O NAEA COMO EXU (UM DEUS ARQUETÍPICO): TRIBUTOS
A SEUS COFUNDADORES, ARMANDO DIAS MENDES E
JOSÉ MARCELINO MONTEIRO DA COSTA**

Raymundo Heraldo Maués

Belém, novembro de 2013

O Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) é uma das unidades acadêmicas da Universidade Federal do Pará (UFPA). Fundado em 1973, com sede em Belém, Pará, Brasil, o NAEA tem como objetivos fundamentais o ensino em nível de pós-graduação, visando em particular a identificação, a descrição, a análise, a interpretação e o auxílio na solução dos problemas regionais amazônicos; a pesquisa em assuntos de natureza socioeconômica relacionados com a região; a intervenção na realidade amazônica, por meio de programas e projetos de extensão universitária; e a difusão de informação, por meio da elaboração, do processamento e da divulgação dos conhecimentos científicos e técnicos disponíveis sobre a região. O NAEA desenvolve trabalhos priorizando a interação entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

Com uma proposta interdisciplinar, o NAEA realiza seus cursos de acordo com uma metodologia que abrange a observação dos processos sociais, numa perspectiva voltada à sustentabilidade e ao desenvolvimento regional na Amazônia.

A proposta da interdisciplinaridade também permite que os pesquisadores prestem consultorias a órgãos do Estado e a entidades da sociedade civil, sobre temas de maior complexidade, mas que são amplamente discutidos no âmbito da academia.

Papers do NAEA - Com o objetivo de divulgar de forma mais rápida o produto das pesquisas realizadas no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) e também os estudos oriundos de parcerias institucionais nacionais e internacionais, os Papers do NAEA publicam textos de professores, alunos, pesquisadores associados ao Núcleo e convidados para submetê-los a uma discussão ampliada e que possibilite aos autores um contato maior com a comunidade acadêmica.



Universidade Federal do Pará

Reitor

Carlos Edilson de Almeida Maneschy

Vice-reitor

Horacio Schneider

Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação

Emmanuel Zagury Tourinho

Núcleo de Altos Estudos Amazônicos

Diretor

Fábio Carlos da Silva

Diretor Adjunto

Durbens Martins Nascimento

Coordenador de Comunicação e Difusão Científica

Silvio Lima Figueiredo

Conselho Editorial do NAEA

Prof. Dr. Armin Mathis – NAEA/UFPA

Prof. Dr. Durbens Martins Nascimento – NAEA/UFPA

Profa. Dra. Edna Castro – NAEA/UFPA

Prof. Dr. Fábio Carlos da Silva – NAEA/UFPA

Prof. Dr. Francisco Costa – NAEA/UFPA

Prof. Dr. Luis Eduardo Aragón Vaca – NAEA/UFPA

Prof. Dr. Silvio Lima Figueiredo – NAEA/UFPA

Sector de Editoração

E-mail: editora_naea@ufpa.br

Papers do NAEA: Papers_naea@ufpa.br

Telefone: (91) 3201-8521

Paper 311

Recebido em: 08/11/2013.

Aceito para publicação: 19/11/2013.

Revisão de Língua Portuguesa de responsabilidade do autor.

O NAEA COMO EXU (UM DEUS ARQUETÍPICO): TRIBUTOS A SEUS COFUNDADORES, ARMANDO DIAS MENDES E JOSÉ MARCELINO MONTEIRO DA COSTA

Raymundo Heraldo Maués¹

Resumo:

O texto apresenta as origens do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará, calcado nas histórias dos pesquisadores que formaram e construíram o Núcleo, juntamente com os processos de criação das pesquisas e estudos sobre o desenvolvimento regional na Amazônia. Informa as primeiras pesquisas realizadas e as monografias e dissertações oriundas dos cursos de especialização e mestrado do NAEA.

Palavras-Chave: Desenvolvimento Regional. Conhecimento Científico. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos.

¹ Antropólogo, ex-professor e ex-coordenador do PLADES e do NAEA.

THE NAEA AS “EXU” (AN ARCHETYPAL GOD): A TRIBUTE TO HIS COFOUNDERS, ARMANDO DIAS MENDES E JOSÉ MARCELINO MONTEIRO DA COSTA

Abstract:

This paper analyses the contemporary experience of the regional planning of the state of Pará, Brazil. The text presents the origins of the Center for Advanced Amazonian Studies, Federal University of Pará, based on the stories of researchers who formed and built the Center, along with research-creation processes and studies on regional development in the Amazon. It informs the first studies that were conducted, as well as the monographs and dissertations from specialization courses and M.A programs in NAEA.

Key Words: Regional Development. Scientific Knowledge. Center for Advanced Amazonian Studies.

Inicialmente devo dizer que este tributo é prestado na primeira pessoa do singular, como costuma ser a forma ritual de escrita dos antropólogos. É um “vício” da profissão. Presto aqui tributo a nossos cofundadores, de saudosa memória, mas com este texto tento também contar uma parte que considero significativa da história do NAEA.

Entrei para o NAEA no ano de 1977 – quatro anos depois de sua fundação -, assim que tinha regressado do Mestrado em Antropologia na UnB. Fui indicado pelo amigo Amílcar Tupiassu, de saudosa memória – então professor de Ciência Política -, que conheci ainda quando estudante do Colégio Estadual Paes de Carvalho, quando assisti palestra pronunciada por ele como militante da antiga Ação Católica. A partir daí nos aproximamos e formamos amizade que se estreitou desde os primeiros anos. Nessa época, com menos idade do que ele, costumava frequentar a casa de Amílcar, em quem admirava a erudição e de quem recebia bons conselhos para o estudo. Já no ano de 1977, éramos ambos professores da UFPA, mas eu estava ligado ao Laboratório de Antropologia, fundado e então dirigido pelo professor Napoleão Figueiredo, bem mais velho do que nós, meu antigo professor, também de saudosa memória. Nem mesmo sabia direito o que era o NAEA. Vim a saber no entanto que o espaço que esse Núcleo ocupava correspondia agora ao antigo espaço que tinha sido ocupado por nosso laboratório, o qual havia sido cedido pelo professor Napoleão no prédio do então jovem Centro de Filosofia e Ciências Humanas, no lugar onde hoje existe o auditório do atual Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH. Nós, da antropologia, ocupávamos então toda uma ala do Centro de Exatas e Naturais, que foi oferecida ao professor Napoleão como compensação (muito mais adequada do que o relativamente minúsculo espaço que foi então cedido ao NAEA a partir de sua criação).

Foi nesse momento que conheci José Marcelino Monteiro da Costa, coordenador do NAEA, assim como Constantino Otero, primeiro coordenador do recém-criado Curso Internacional de Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento/PLADES. Nada sabia sobre o antigo FIPAM (hoje chamado de “Curso de Formação de Especialistas em Desenvolvimento de Áreas Amazônicas”), apenas que era um curso muito importante e que tinha sido frequentado por vários colegas do meu e de outros departamentos, como Alexandre Cunha, Edna Castro e Jean Hébette, para citar somente esses, a quem dou maior destaque, pelas ligações mais próximas que havia entre nós.

Sentia-me muito pequeno no NAEA, onde havia figuras do porte de José Marcelino Monteiro da Costa, Roberto Santos, Nelson Ribeiro, Carlos Coimbra, Samuel Sá e tantos outros. Minhas primeiras aulas foram ministradas conjuntamente com meu compadre e amigo Roberto Santos: eram coisas sobre a Amazônia, algumas das quais tinha parcialmente aprendido no próprio livro do Roberto, sobre a economia

da borracha, que tive o privilégio de ler quando ainda era uma dissertação de mestrado, e que depois o Roberto nos apresentou para discussão, antes de ir defender seu trabalho em São Paulo e antes de publicá-lo como livro. Tratávamos de coisas diferentes durante as aulas, pois meu conhecimento de Amazônia não tinha a ver com a economia e estava parcialmente fundamentado (mas de forma tão superficial) em meu recente trabalho de campo numa ilha “encantada”, Itapuá, onde estudei – juntamente com Maria Angelica Motta Maués, minha mulher e também antropóloga – os hábitos alimentares, a religião e os conceitos populares de doença (que tinham certamente tão pouco interesse para as preocupações vigentes ligadas ao desenvolvimento econômico da Amazônia).

Então, eu nada sabia sobre as origens do NAEA. Sua “concepção” – segundo ouvi depois dizer – tinha se dado em 1968, durante a greve estudantil (em plena ditadura militar) que resultou na ocupação da antiga Faculdade de Economia. Que cheguei a cursar depois por pouco mais de um semestre, já no início dos anos 1970, para abandoná-la de vez, embora reconhecendo os proveitos que tive, exceto na disciplina de contabilidade, que para mim foi pior do que grego, que também nunca aprendi. A versão que conheci sobre as origens do NAEA, “concebido” nessa Faculdade, no final dos anos 60 (num momento em que a juventude de todo o mundo ocidental se rebelava), bem às vésperas do AI-5, inclui principalmente três importantes personagens: os professores Armando Dias Mendes e José Marcelino Monteiro da Costa, além do então estudante Alexey Turenko. A ideia era a de um “núcleo de integração”, que pudesse deslanchar a pesquisa científica no campo das ciências humanas (mas não só nelas) – tendo como fulcro principal a economia, já que precisávamos fortalecer economicamente o Brasil e a Amazônia – e que também precisávamos, para isso, desenvolver a pesquisa e a pós-graduação, a partir desse Núcleo. Esta ideia não era aliás contraditória em relação aos interesses dos “donos do poder” de então, o que não significa que seus proponentes apoiassem a ditadura (uma entre outras que ocorreram ao longo de nossa história, possuidora somente de curtos períodos “democráticos”).

Liguei-me parcialmente ao NAEA, com 20 horas semanais, enquanto dedicava as outras 20 à antropologia da religião e da saúde, no Laboratório de Antropologia. Já conhecia Armando Mendes que, aproveitando a reforma da universidade desenvolvida na gestão do reitor Aloísio Chaves – a quem a UFPA tanto deve -, inseriu no novo Estatuto os elementos necessários para que se criasse esse órgão de integração. Já conhecia Armando Mendes da Ação Católica e, principalmente, a partir da Juventude Universitária Católica/JUC, que cheguei a dirigir por algum tempo em Belém, antes de terminar minha graduação em história, no ano de 1962. Passei a conhecê-lo melhor depois que ingressei no NAEA e, especialmente, a partir das relações mais estreitas que com ele tinha, profissionalmente, minha colega e amiga Edna Castro. Eu não conhecia antes o Marcelino nem o Alexey Turenko. (Aliás - fazendo um

parêntese – devo lembrar que uma parte da antiga Ação Católica estava presente no NAEA, mesmo que esse importante movimento eclesial católico já tivesse desaparecido, com as reformas da Igreja nesse período). Depois que Constantino Ribeiro Otero – de saudosa memória - terminou seu mandato como coordenador do PLADES, assumiu essa coordenação o professor Carlos Coimbra, filósofo, mas anteriormente ministro católico no exercício de suas funções de sacerdócio, que, antes, tinha me convidado para ser seu vice. A contribuição de Carlos Coimbra ao NAEA foi inestimável, mas uma doença inesperada o impediu de continuar, o que me fez assumir a coordenação do PLADES, por cerca de um ano, antes que tivesse de viajar, com toda a família, para o Rio de Janeiro, onde eu e minha mulher, Angelica, íamos cursar o doutorado, no Museu Nacional e no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro/IUPERJ.

Durante esse primeiro período em que estive diretamente ligado ao NAEA, que vai de 1977 a 1980, tive também estreito relacionamento com o Marcelino, especialmente nos últimos meses, quando ele ocupava ainda a coordenação do Núcleo e eu tinha sido guindado – um tanto conta a vontade – à condição de coordenador de um Mestrado (o PLADES), sem ainda ter cursado o doutorado. Foi convivência muito proveitosa e cordial, da qual guardo uma bela lembrança. Foi nesse período que ficou pronto o atual prédio do NAEA. O momento em que, saindo de uma pequena dependência do antigo CFCH ganhamos um prédio que, para nós, era imenso. Além das salas administrativas, da biblioteca e das salas de aula, cada um de nós podia ter uma sala de pesquisa, onde também poderiam se reunir os bolsistas de IC, que mais tarde passamos a ter. A pesquisa e o ensino passaram a ser mais bem conduzidos. E tudo isso era proporcionado, em grande parte, pela ampla visão de nosso coordenador, o professor Marcelino Monteiro da Costa.

Tendo viajando para o Rio de Janeiro a fim de cursar o doutorado, fui substituído por Paulo Cal, arquiteto, que não ficou durante muito tempo na coordenação do PLADES. Depois dele assumiu uma antiga aluna que tive no segundo grau, agora já com doutorado em Direito Internacional Público pela USP, a professora Maria de Nazaré Oliveira Imbiriba, que foi quem conseguiu o reconhecimento do PLADES junto ao Conselho Federal de Educação. Aos poucos o PLADES vinha se ajustando às novas normas da pós-graduação no Brasil, vinculando-se também à CAPES, que o enquadrou na área de Ciências Sociais (área de avaliação da Sociologia), embora uma parte importante da pesquisa e do ensino no mesmo Programa estivesse muito ligada à área de economia. O PLADES preparava a sua primeira turma de mestrandos, entre os quais se incluíam os professores Fábio Carlos da Silva e Auriléa Gomes Abelém. Eles estão entre os primeiros mestres formados pelo PLADES, que começaram a surgir no ano de

1981. Sigo a ordem informada na página da *web* da UFPA, onde se encontra o “Portal do Conhecimento” (disponível em <http://www.ufpa.br/bc/Portal/DTC/PLADES.htm>, consultado em 28/10/2013).

O primeiro a defender sua dissertação, no ano de 1981, foi Renato Nunes da Silva, tratando de “migrações internas no estado do Acre”, sob a orientação do professor Luis Eduardo Aragón Vaca. Em seguida vieram, no ano seguinte, Auriléa Gomes Abelém, que tive o prazer de orientar - substituindo o colega Isidoro Alves -, com sua dissertação (que recebeu menção honrosa no concurso de teses da ANPOCS e foi depois publicada em livro em Belém, como primeiro livro da Coleção Igarapé, publicada pelo CFCH e pelo NAEA) intitulada “Urbanização e remoção: por que e para quem? Estudo sobre uma experiência de planejamento nas baixadas de Belém”; Maria Antonieta Flexa Almeida, orientada por Marcelino Monteiro da Costa, tratando sobre “A Ocupação recente da Amazônia através das grandes empresas pecuárias”; e Fábio Carlos da Silva, tratando de “Frentes pioneiras e campesinato na Amazônia Oriental Brasileira”, orientado por Isidoro Maria da Silva Alves. Quero ressaltar aqui que de todos esses orientadores o único de nós quatro que tinha doutorado era o professor Aragón (nos EUA); o professor Marcelino possuía mestrado (também nos EUA); Isidoro e tínhamos mestrado (no Museu Nacional e na UnB) e cursávamos na época o doutorado no Museu Nacional. Isso era possível na época, nos tempos em que se forjava e se consolidava a pós-graduação no Brasil. No entanto, devo afirmar que Marcelino (e tantos outros professores e pesquisadores do NAEA na época), mesmo que não possuísse um doutorado formal, tinha competência intelectual bem acima da de muitos doutores em economia, sendo nacional e internacionalmente reconhecido nessa condição. O mesmo se pode dizer de vários outros, como Armando Dias Mendes, que se pode considerar como o principal idealizador do NAEA, e alguém que acompanhou e contribuiu para as atividades deste Núcleo por tantos anos, mesmo depois de radicado em Brasília.

Marcelino foi no entanto quem implantou o NAEA, dirigiu-o por tantos anos e foi substituído na sua coordenação pelo professor Manoel Pinto da Silva Jr., também de saudosa memória. Devo lembrar no entanto que este professor (o Nelito, como o chamávamos) é infeliz e descuidadamente omitido numa das duas dissertações defendidas no PLADES (a primeira delas) que tratam sobre a história do NAEA. Neste período eu estava afastado do NAEA e da UFPA, pois cursava ainda o doutorado em Antropologia do Museu Nacional e fazia meu trabalho de campo para a tese na região do Salgado, trabalhando especialmente com pescadores e camponeses da região. Quando reassumi minhas atividades na UFPA, fui convidado, no ano de 1985, a concorrer à coordenação do NAEA por um grupo de professores e alunos que então se opunham à gestão do professor Manoel Pinto, que se candidatara novamente à coordenação, apoiado nessa candidatura por Marcelino Monteiro da Costa. Tendo ganho a eleição e assumindo a coordenação do NAEA por quatro anos (1985-1989) continuei a conviver com o professor Marcelino,

embora em campos político-acadêmicos distintos, mas sempre mantendo relações cordiais e de respeito. Nesse período, em que tive a inestimável colaboração de minha amiga Edna Castro, que foi eleita vice coordenadora do NAEA, tivemos também um grande apoio não só da Reitoria da UFPA, nessa época ocupada pelo professor José de Seixas Lourenço, mas, também, de Armando Mendes que, embora já aposentado, vinha periodicamente a Belém e sempre nos dava grande apoio e colaboração. Nesse período - e a partir de proposta elaborada pela professora Edna Castro -, conseguimos a equiparação dos coordenadores e vice coordenadores do NAEA aos diretores e vice-diretores dos Centros da UFPA, o que não existia nas coordenações anteriores.

Foi nesse momento que se fortaleceu mais ainda a pesquisa e a pós-graduação no NAEA, ainda que apenas em nível de mestrado, com o PLADES. Sob a coordenação de Auriléa Gomes Abelém, que tinha como vice coordenadora a professora Edila Arnaud Ferreira Moura, o PLADES alcançou a avaliação máxima da CAPES entre os programas de pós-graduação na área de ciências sociais (conceito A, correspondente à nota 5 atual), tendo superado a avaliação do antigo Centro de Pós-Graduação em Desenvolvimento Agrícola/CPDA do Horto do Rio de Janeiro, o programa que lhe ficava mais próximo (conceito B). Vale ressaltar que essa avaliação se referia somente àqueles programas chamados de ciências sociais, que combinavam sociologia com outras ciências, como antropologia, economia, ciência política etc., isto é, que eram interdisciplinares, sendo avaliados - como até hoje -, no Comitê de Sociologia da CAPES.

Para que alcançássemos esse patamar muito contribuiu o professor Armando Mendes, que nos assessorava, mas também a atividade de pesquisa desenvolvida no NAEA, que encontrava visibilidade ampliada nos encontros nacionais e internacionais, com destaque para as associações como a ANPOCS, a ANPEC e a ANPUR. Desejo aqui, a propósito, destacar também a importância do professor Jean Hébertte, um dos mais importantes pesquisadores do campesinato na Amazônia – juntamente com José de Souza Martins e Otávio Guilherme Velho – que, embora não possuindo nem mesmo o mestrado (graduou-se em economia e cursou o FIPAM em sua primeira turma de alunos) foi reconhecido pela CAPES e pelo CNPq. (chegou a ser bolsista de produtividade 1B) pelo seu notório saber e que chegou, também mais tarde, a orientar teses de doutorado em outro programa de pós-graduação da UFPA (o antigo programa de Ciências Sociais, hoje chamado de Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia/PPGSA). Jean Hébertte era quem, na época, coordenava a pesquisa no NAEA, tendo dado uma enorme contribuição ao PLADES também como professor.

Lembro da última vez em que estive no NAEA, juntamente com Armando Dias Mendes e José Marcelino Monteiro da Costa. Jean Hébette também foi convidado, mas não pode estar presente, por motivos de saúde. Foi uma grande homenagem aos dois idealizadores do NAEA, para a qual foram convidados outros coordenadores deste núcleo de integração. Armando Mendes lembrou, nessa ocasião, o nascimento da ideia da criação do NAEA na antiga Faculdade de Economia, com a presença de Marcelino e de Alexey Turenko. Marcelino também falou, mas limitou-se a corroborar as palavras de Armando Mendes, afirmando que este já tinha dito tudo o que era possível dizer sobre as origens do NAEA.

De minha parte, homenageando os dois, lembrei porém de uma função do NAEA à qual, como antropólogo que estuda religião e levando em conta - o que nem sempre fazem os cientistas sociais e outros estudiosos - a importância desta questão fundamental (a religião) para o entendimento das sociedades humanas, comparei o NAEA, como órgão de pesquisa e pós-graduação e de integração na Universidade Federal do Pará, com a figura de Exu, o mensageiro dos deuses nas religiões de matriz africana, tão difundidas em nossa sociedade brasileira e amazônica. Lembrando também que Exu – uma espécie de arquétipo universal – está presente em outras formas religiosas, com outros nomes, como, por exemplo, entre gregos e romanos, com os nomes de Hermes e Mercúrio. São todos mensageiros dos deuses e presidem uma função importantíssima para o conhecimento e sua disseminação: a interpretação ou hermenêutica.

E com isso termino, como fiz naquele momento, minha homenagem a Armando Dias Mendes e a José Marcelino Monteiro da Costa, lembrando que o NAEA tem desempenhado – e continua ainda a desempenhar, com sua multidisciplinaridade e sua função integradora, desde as origens – o papel de mensageiro dos deuses, de disseminador do conhecimento, da pesquisa e da pós-graduação. O que pode ser constatado em vários programas de pós-graduação surgidos nesta Universidade depois do NAEA, que resultaram da influência deste Núcleo, na sua função de espalhar o conhecimento e a preocupação com o conhecimento da Amazônia por todos os cantos do Brasil e do mundo.